

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 4 - Educação de qualidade

OS TRÊS PORQUINHOS: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA E SOCIOLÓGICA ACERCA DA TEMPORALIDADE INFANTIL¹

THE THREE LITTLES PIGS: A PSYCHOANALYTIC AND SOCIOLOGICAL APPROACH TO INFANT TEMPORALITY

Débora Patrícia Bürkle Griebler², Laís Cristine Jung³

¹ Trabalho elaborado a partir de discussões interdisciplinares

² Graduada em Educação Física - Licenciatura, pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; Psicopedagoga, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNINTER. Contato: debora_burkle@hotmail.com

³ Acadêmica do 10º semestre do curso de Psicologia - Bacharel, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Contato: laiscjung@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A literatura se faz presente na constituição de boa parte dos sujeitos desde muito cedo. Os contos infantis auxiliam a criança a elaborar seus conflitos internos, pois representam de forma imaginária e simbólica aspectos essenciais de seu crescimento. Além disso, as histórias infantis são um mecanismo de comunicação com as crianças, e podem ser consideradas como um fator de socialização, pois através de seu caráter normativo, oportunizam a reflexão das normas sociais moralmente aceitas.

Para este trabalho, abordaremos os aspectos psíquicos e sociológicos de uma das histórias mais popularmente conhecidas: Os Três Porquinhos. A história traz em seu enredo vários aspectos da sociedade ocidental, como o capitalismo e valorização do trabalho, além claro, das possibilidades de elaboração psíquica com a saída da casa da mãe e a figura do Lobo Mau. A partir disto, fica evidente a importância da inserção da criança neste mundo de fantasia dos contos de fadas e fábulas, através dos quais ela poderá assimilar e compreender o mundo à sua volta.

Palavras-chave: Psicanálise. Contos de fadas. Sociologia. Antropologia. Os Três Porquinhos.

Keywords: Psychoanalysis. Fairy tale. Sociology. Anthropology. The three Little Pigs.

METODOLOGIA

Este trabalho de pesquisa, trata-se de um estudo transversal realizado através de uma revisão sistemática de literatura, definida por Gil (2008) como uma pesquisa que busca através da leitura de materiais já produzidos, respaldar a hipótese acerca de uma determinada temática. Neste caso, buscou-se na literatura conceitos e opiniões que pudessem explicar as diferentes interpretações e analogias que surgem na análise da história.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A infância é um período onde acontecem grandes transformações em todos os diferentes aspectos que compreendem a totalidade do sujeito, sendo que é neste período, que acontece a maior parte do desenvolvimento neurológico, cognitivo e afetivo. Embora hoje se tenha um reconhecimento da

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

importância desta fase, nem sempre foi assim. No século XV, por exemplo, a criança era vista como um adulto incompleto, e suas necessidades e desejos não eram considerados (PRADO, 2012). Na medida em que se reconhece o lugar de importância da criança no discurso social, buscam-se práticas e abordagens que sejam específicas para este público. Um dos exemplos de adaptação de práticas sociais ao público infantil, foi a reedição das histórias.

No século XVII, os contos de fadas, inicialmente eram contados por adultos e para adultos. A contação de histórias acontecia em rodas, geralmente compostas por pessoas de diferentes idades, e não havia a preocupação de abrandá-los para que as crianças ouvissem. A partir do século XIX, a infância tem seu lugar nos discursos social e cultural, e os contos passam a ser reconhecidos como importantes e utilizados na terapia com crianças, com base no reconhecimento de que estas precisam elaborar as questões psíquicas próprias do período, e “superar decepções narcísicas, rivalidades fraternas e dilemas edípicos” (PRADO, 2012, p. 87).

Os contos de fadas encontram um lugar especial no imaginário infantil, perpassados por gerações passam por modificações ao longo dos séculos, mas mantém sua essência e encantamento. De acordo com Bettelheim (2018, p. 20),

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece tantos níveis distintos de significado e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à profusão e diversidade das contribuições dadas por esses contos à vida da criança.

Para Corso e Corso (2006), a criança se apega à alguma história, e a partir dela elabora seus dramas íntimos e dá colorido àquilo que está vivendo. O que é utilizado pela criança do conto, é o que ele fez reverberar em sua subjetividade. Isto explica o fato de haver uma predileção por certas histórias, em determinadas fases da vida. Esse entrelaçamento da fantasia dos contos com as próprias questões psíquicas, em alguns sujeitos é tão marcante, que os autores citam que há testemunhos de adultos mencionarem uma história ouvida na infância que mudou a sua vida, ou que jamais foi esquecida. Destacando que essas lembranças podem abrir boas associações para seus processos de análise.

1.1. Era uma vez três porquinhos que precisaram sair da casa da mãe...

No caso da história Os Três Porquinhos, na versão que conhecemos, publicada em 1853 no livro English Fairy Tales de Joseph Jacobs, e popularizada em 1933 por Walt Disney:

Três porquinhos irmãos foram morar numa floresta. E para se proteger dos lobos decidiram construir suas casas. O mais novinho só queria brincar, fez rapidinho uma casinha de palha e saiu para passear. O do meio gostava de tocar flauta. Então, fez uma casinha de madeira e saiu para tocar. O mais

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

velho, prevenido, gastou todo o seu tempo fazendo uma linda casa de tijolos. À noite o lobo resolveu atacar. E num só sopro, derrubou a casinha de palha. O porquinho correu para a casa de madeira do irmão, mas o lobo derrubou esta também. Os dois porquinhos foram à casa do irmão mais velho e ficaram quietinhos esperando. O lobo chegou e soprou, soprou, soprou, mas não conseguiu derrubar a casa. O lobo tentou entrar pela chaminé da lareira, mas os porquinhos prevenidos acenderam ali uma fogueira. Quando o lobo chegou perto, chamecou o rabo no fogo e saiu correndo feito louco e nunca mais voltou (CONTOS CLÁSSICOS, 2002).

“Os Três Porquinhos têm a simplicidade que as crianças bem pequenas apreciam, sem muitos personagens, os bons de um lado e um malvado de outro” (CORSO; CORSO, 2006, p. 57). Essa história ensina até as crianças mais pequenas, conforme Bettelheim (2018), que não devemos ser preguiçosos e que o trabalho árduo fará os personagens vitoriosos, mesmo contra seu inimigo mais feroz - o lobo. A história traz a temática do desenvolvimento e a vantagem do amadurecimento, já que, normalmente o porquinho que constrói a casa de tijolos é retratado como o mais sábio e mais velho.

Em conformidade com Corso e Corso (2006), a saída da casa da mãe porca situa um momento de separação necessário para a criança. É um trabalho progressivo para se compreender como um sujeito individual, marcado por estratégias de defesa, como negar-se a fazer o que lhe é solicitado e a negação a comida. “Sucessivas paredes, cada vez mais bem construídas, demarcarão os territórios entre a criança e seus adultos” (p. 57).

As diferenças de atitudes entre os porquinhos demonstram que eles estão em momentos diferentes do desenvolvimento psíquico. Bettelheim (2018), pontua que os dois porquinhos mais novos ainda estão vivendo movidos pelo princípio de prazer, onde sua prioridade é a diversão e não se preocupam com os perigos futuros que a vida reserva. O porquinho do meio já apresenta algum amadurecimento ao construir uma casa um pouco mais elaborada que o primeiro. Porém, somente o porquinho mais velho que constrói a casa de tijolos vive de acordo com o princípio de realidade, “ele é capaz de adiar seu desejo de brincar, antes agindo com sua habilidade de prever o que pode acontecer no futuro” (p. 62).

Bettelheim (2018), descreve que a criança se identifica com esse conto porque ele ensina que há períodos de desenvolvimento, possibilitando o progresso entre o princípio de prazer e realidade. Outro aspecto relevante para a criança nesse conto é a presença do lobo, seu então inimigo, “o lobo é uma exteriorização, uma projeção da maldade da criança - e a história mostra como se pode lidar com isso construtivamente” (p. 64).

O lobo é um personagem importante e que chama a atenção das crianças em todas as histórias que aparece. Conforme Corso e Corso (2006), no desenho da Disney sobre Os três porquinhos, os irmãos ganham uma trilha sonora, na qual desafiam seu inimigo ao cantar “Quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau?”, provocando a serem perseguidos. “O porquinho não se contenta em fugir e procede como a criança que pede a repetição do conto, no incansável prazer de ter medo” (p. 57). Esse inimigo tão temido pelos porquinhos e pela criança permite simbolizar o medo de desaparecer dentro da mãe, do mesmo modo que os alimentos desaparecem em sua boca e vão morar em sua barriga. O medo é constitutivo para o psiquismo do sujeito.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 4 - Educação de qualidade

1.2. ...e foram construir suas casas

Além das questões psíquicas que podem ser elaboradas por quem escuta, há também outro fator que corrobora para que alguns contos tenham uma maior popularidade, que é o seu caráter normativo e as lições de moral que apresentam. Corso e Corso (2006), consideram a história dos Três Porquinhos um conto de fadas, mas que possui um aspecto de fábula por ter uma moral indiretamente.

Para os adultos, a ênfase não está no fato da saída de casa, ou no perigo de ser devorado, mas na pretensão de ensinar, através da história, a importância do trabalho e das responsabilidades. Se pensarmos a história de forma linear e cronológica, a primeira casa era a mais frágil, pois foi construída pelo irmão mais novo, que além de ter pouca idade, só se preocupava em brincar. A segunda casa, é um pouco mais elaborada, contudo foi construída rapidamente pelo irmão do meio, para que este pudesse ter mais tempo para que fazer o que realmente gosta (tocar flauta). A terceira casa, é bem elaborada, forte o suficiente para proteger todos os personagens, feita pelo irmão mais velho, demandou tempo e sacrifícios para que pudesse ficar pronta.

São várias as possibilidades de analogia aqui presentes, podemos perceber que o irmão mais novo e sua casa de palha, podem ser considerados como o período da infância, e seu importante brincar. A visão capitalista da infância aparece quando a casa de palha é derrubada, e fica evidente que, “em estado imperfeito, posto que transitória, inacabada, a infância, assim qualificada na linearidade do tempo cronológico, parece autorizar a opressão, a dominação, o controle e o adultocentrismo” (PRADO, 2012, p. 83).

Em seguida, temos a adolescência, onde a casa de madeira foi mais elaborada, mas ainda assim é frágil e facilmente derrubada. Sua construção não era a preocupação principal de seu executor, o que caracteriza esta fase da vida, onde, embora já tenha a noção das responsabilidades, e o que elas abarcam, busca-se protelar ao máximo o assumir-se responsável.

A casa de tijolos feita pelo irmão mais velho, é forte, bem elaborada e capaz de abrigar aos outros dois, podendo ser comparada à fase da vida adulta, com suas responsabilidades e obrigações de dar sentido para suas ações, traduzindo também a ideia de que todo adulto abriga em si a criança e o adolescente que fora outrora. Pode-se dizer, que os adultos ao reproduzir a história, colocam-se numa posição de superioridade à criança, evidenciando o trabalho feito com responsabilidade pelo porquinho que abdicou o prazer de brincar, para trabalhar, e que isso salvou a todos.

Outra analogia possível com a história, é interpretá-la pelo viés da socialização. Na versão anterior a essa que popularmente conhecemos, os dois irmãos mais novos não escapavam e eram devorados, e em seguida, o lobo era morto pelo porquinho mais velho, não havia a possibilidade de socializar, e os porquinhos pagavam com suas vidas por sua inexperiência e irresponsabilidade (SANTIAGO, et al, 2010). Essa versão de extermínio, foi reelaborada, pois em nada poderia contribuir com a formação social das crianças que ouvem a história, visto que exterminar não é um modelo socialmente aceito de resolução de conflitos. Ao juntar todos os porquinhos num espaço para então vencer o lobo, a história marca o poder da união para alcançar um objetivo.

É possível ainda fazer uma associação com a figura do lobo, que pode ser comparada às instituições

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

sociais que normatizam as condutas. Para Santiago et al (2010, p. 5), “o lobo em si é uma instituição social pelo seu papel coercitivo em relação às atitudes dos porquinhos, é ele quem pune quando os porquinhos não tomam atitudes corretas”. Desta forma, é possível que se faça uma analogia da figura do lobo como sendo correspondente ao ego.

Uma das questões fundamentais da história de Os Três Porquinhos, é questão do Id em conflito com o ego, e como a sobreposição do id sobre o ego tem graves consequências, popularmente seria o que podemos chamar de responsabilidade. A questão do id e do ego se faz presente não somente na figura dos porquinhos, mas também na figura do lobo, e consideramos que é provavelmente a mensagem principal da história, que determina claramente qual é o comportamento desejado e adequado e qual comportamento é indesejável e inadequado (SANTIAGO et al, 2010, p. 7).

Podemos ainda, interpretar a história através de um olhar social antropológico onde os porquinhos não são vistos como tendo idades diferentes, e sim, pertencendo a épocas diferentes. Através da construção da casa, fica marcada também a evolução do homem, sendo que “as casas de palha e de madeira, são símbolos do passado, do não evoluído, do não civilizado, é o sujeito que permanece na primitividade da raça humana por não estar incluído na sociedade” (SANTIAGO et al, 2010, p. 5).

Através dos contextos e interpretações apresentados, temos então a valoração de três elementos sociais relevantes: o trabalho, o porquinho que mais trabalha está protegido e ainda consegue proteger os demais; a inteligência, que junto com o trabalho garante a sobrevivência de todos; e a instituição familiar/socialização, representada aqui pelo acolhimento e instinto de sobrevivência e união, lutando contra um inimigo em comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um enredo simples, que possibilita o entendimento e a compreensão de questões psíquicas e sociais, a história dos três porquinhos tem seu caráter normativo marcado pela relação entre protagonismo e antagonismo, além de oferecer elementos para a elaboração de conflitos psíquicos inerentes ao desenvolvimento dos sujeitos.

Através da análise feita para este trabalho, revela-se a ambiguidade presente no lugar de quem ouve e de quem conta a história. Enquanto para as crianças, a história já tem um início importante, marcado pela saída da casa da mãe, e o enfrentamento dos perigos da floresta, retratados pela figura do lobo mau, para os adultos, a ênfase está no final, na moral onde o trabalho e a experiência se sobressaem a força do antagonista. Contudo, não podemos e nem devemos pensar na criança que ouve a história como um sujeito passivo.

Neste contexto, a criança está muito longe disto, é ativa neste processo de internalização da história, e através de seus mecanismos, que são próprios de cada um e de cada faixa etária, simboliza e significa o que lhe cabe, elaborando assim suas angústias e incertezas. Aos adultos, que não necessitam mais



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

desta elaboração, resta então, enfatizar o caráter normativo, e através da história repassar valores morais e sociais.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. 35ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra. 2018.

CONTOS CLÁSSICOS. Os Três Porquinhos. Erechim: Edelbra, 2002.

CORSO, M.; CORSO, D. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PRADO, P. D. Os três porquinhos e as temporalidades da infância. Cadernos Cedes. V. 32, nº 86, p. 81-96, jan-abr. 2012. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 09/07/2020.

SANTIAGO, M. S. Z.; et al. Os Três Porquinhos: Uma análise dos conceitos sociológicos presentes na história. Trabalho apresentado à disciplina de Sociologia. Curso de Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica - MG. 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/119979327/Analise-da-Obra-Os-Tres-Porquinhos-segundo-a-sociologia>. Acesso em: 11/07/2020.

Parecer CEUA: 2208566